

Actas do



**VIII Congresso Iberoamericano
de Avaliação/Evaluación Psicológica
XV Conferência Internacional
Avaliação Psicológica: Formas e Contextos**

25 - 27 DE JULHO DE 2011

**Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa
Portugal**

Ficha Técnica

Título:

Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica. XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos

Editores:

Ana S. Ferreira, Arlette Verhaeghe, Danilo R. Silva, Leandro S. Almeida, Rosário Lima, & Sandra Fraga

Coordenação Técnica:

Rosário Lima & Sandra Fraga

Concepção Gráfica e Paginação:

Sandra Fraga

ISBN:

978-989-20-2702-9

Sociedade Portuguesa de Psicologia
(Lisboa, Novembro de 2011)

Apoios:



ESCALA DE AUTO-EFICÁCIA PARENTAL: VALIDAÇÃO E ESTUDOS METODOLÓGICOS

Rute Brites

CIP – Universidade Autónoma de Lisboa

Maria Helena Martins

Universidade do Algarve

Odete Nunes

CIP – Universidade Autónoma de Lisboa

Resumo

Partindo dos estudos iniciais de validação duma Escala de Auto-Eficácia Parental aprofundámos a investigação, no sentido de confirmar as propriedades psicométricas observadas. Após a validação preliminar, descrita por Brites e Nunes (2010), aplicámos a escala a uma amostra de 312 mães/ pais de crianças dos 3 aos 14 anos. Após a verificação da adequação dos dados, procedemos à ACP com rotação Varimax dos itens, extraíndo-se uma solução de dois factores que, no conjunto, explicam 44.36% da variância. A análise por factor revela uma diferenciação clara entre itens de significado negativo e positivo, justificando a execução duma nova ACP sobre cada um. Obtivemos, por fim, uma solução de quatro factores. A necessidade de reduzir o número de itens por factor conduziu à determinação das correlações inter-item, tendo-se retirado aqueles com menores valores. A versão final da escala contém, assim, 44 itens. No âmbito da fidelidade, calculámos a consistência interna da escala e dos quatro factores, tendo obtido valores satisfatórios de *alpha de Cronbach*. Com base em estudos anteriores sobre as formas de cotação dos itens negativos explorámos duas alternativas: a cotação pela inversão dos itens de significado negativo, e pela diferença entre o somatório dos itens positivos e negativos. Os resultados indicam que a última forma providencia informações qualitativas consideráveis sobre o processo subjacente às respostas. Finalmente, no âmbito da padronização foram determinados os valores de referência de amostra. Os valores obtidos atestam as propriedades psicométricas da escala.

Palavras-Chave: Parentalidade, Auto-eficácia, Validação, Mães, Pais

INTRODUÇÃO

Partindo da revisão dos trabalhos de Bandura e colaboradores no âmbito da auto-eficácia e, mais especificamente, da investigação sobre auto-eficácia parental e sua medida, Brites e Nunes (2010) desenvolveram uma versão preliminar duma Escala de Auto-eficácia Parental. Apesar dos valores satisfatórios ao nível da sua consistência

interna, a dimensão da amostra e algumas questões relacionadas com as correlações inter-item tornaram pertinente um novo estudo sobre o instrumento.

A auto-eficácia é um “produto” cognitivo, uma crença auto-descritiva sobre as capacidades de atingir um determinado desempenho que se repercute ao nível dos acontecimentos de vida (Bandura, 1994). Resulta de uma construção assente na experiência subjectiva, que pressupõe uma capacidade de auto-reflexão e que pode ser analisada, segundo Caprara, Regalia, Scabibi, Barbaranelli e Bandura (2004), como indicador das iniciativas e direcções que a pessoa tende a seguir para atingir objectivos.

A percepção de auto-eficácia influencia o esforço e a motivação com vista ao desempenho optimal, mas não de forma linear. A pessoa que acredita fortemente ser capaz de fazer face aos constrangimentos e alcançar os resultados desejados com as suas acções empenha-se em actividades supostamente além das suas capacidades, persegue objectivos ambiciosos e persiste perante as dificuldades. Centra a sua atenção e esforços nas exigências da tarefa, assumindo os obstáculos uma função impulsionadora. Contrariamente, a pessoa que se percebe como ineficaz tende a reforçar as suas limitações pessoais, amplificando irrealisticamente as suas potenciais dificuldades (Bandura, 1982b; Bandura, Pastorelli, Barbaranelli, & Caprara, 1999; Bandura, 1994; Caprara et al., 2004; Kuhn & Carter, 2006).

AUTO-EFICÁCIA PARENTAL

No sistema familiar cada pessoa desempenha simultaneamente vários papéis/funções, com obrigações, exigências e necessidades diversas, o que pressupõe, provavelmente, níveis distintos de auto-eficácia, com probabilidades desiguais de se tornarem críticos para o funcionamento individual-familiar (Caprara et al., 2004).

A auto-eficácia parental constitui o resultado do processo de avaliação, pela pessoa, da forma como as suas competências enquanto progenitor se adequam ao desempenho da função parental, e os sentimentos daí decorrentes embora, de acordo com os autores, seja possível observar este conceito de diversas perspectivas. Scheel e Rieckman (1998) e Ardelt e Eccles (2001) acentuam a crença parental relativamente à sua capacidade de influência da criança e do seu meio, promovendo o desenvolvimento e o sucesso desta, Kuhn e Carter (2006) os sentimentos de competência no papel parental na prestação de cuidados à criança e, finalmente, Surkan e colaboradores (2008) destacam o grau de confiança no desempenho parental.

É também importante abordar ainda a questão do controlo, sendo este, na opinião de vários autores, uma das dimensões inerentes à auto-eficácia (Caprara et al., 2004; Cruz, 2005; Hastings & Brown, 2002). O indivíduo eficaz é aquele que se considera apto a controlar os seus próprios resultados (Contrada & Goyal, 2004), percepção que adquire particular relevância do domínio da parentalidade. Para Cloutier (2005), a forma como os pais exercem o controlo contribui significativamente para o desenvolvimento do contexto familiar alicerça as interacções familiares. Esta capacidade dos pais é uma variável importante em termos da função parental, implicando simultaneamente, em nosso parecer, um acto de controlo sobre si próprios e sobre as regras familiares. A primeira traduz-se nas competências parentais relativas aos métodos educativos, manifestas no comportamento da criança. A segunda, o controlo das regras familiares, possibilita que os valores e os ideais da família transpareçam das condutas parentais. Assim, a atitude de controlo activo das condutas e das atitudes da criança é transversal à função parental e resulta da “interacção” destas duas formas de controlo.

Na perspectiva de Harwood e colaboradores (2007), a auto-eficácia surge como factor pertinente na adaptação à função parental, na medida em que os pais com um elevado sentido de eficácia parental possuirão, provavelmente, expectativas optimistas sobre as suas vidas (enquanto pais) e, noutro plano, se a experiência da parentalidade for menos positiva que o esperado, um elevado sentido de eficácia parental pode diminuir os efeitos negativos dessa discrepância. Anteriormente, Ozer (1995) e Scheel e Rieckman (1998) tinham já enfatizado a função atenuante do sentimento de eficácia (na gestão das exigências do papel familiar) sobre o efeito negativo da responsabilidade pelo cuidado da criança no bem-estar psicológico, havendo evidência de níveis mais elevados de stresse em pais com baixa auto-eficácia, o que, segundo Pelchat, Bisson, Bois e Saucier (2003), afecta negativamente as práticas parentais. Assim, o aprofundamento do estudo da auto-eficácia parental é pertinente no âmbito das relações pais-filhos; estudos permitiram já aferir a importância da auto-eficácia na previsão do comportamento parental e na compreensão do bem-estar psicológico. A auto-eficácia parental terá ainda efeitos directos no comportamento da própria criança, na medida em que os comportamentos parentais positivos empiricamente associados a níveis elevados de auto-eficácia contribuem para o sentimento de eficácia daquela.

OBJECTIVOS

O conceito de auto-eficácia não encontra ainda unanimidade entre autores sobre a exactidão de o considerarmos como generalizado ou associado a um domínio específico.

A auto-eficácia pode ser conceptualizada como uma disposição estável, como um traço (Bandura, 1977; Contrada & Goyal, 2004; Maurer & Pierce, 1998), considerado a avaliação do sucesso de desempenho da pessoa numa variedade de situações (Bennett, 2002; Judge, Erez, Bono & Thoresen, 2002; Smith, 1989) ou uma auto-crença optimista sobre a capacidade de lidar com as diversas exigências da vida (Lightsey, Burke, Ervin, Henderson & Yee, 2006). Numa perspectiva mais tradicional, consonante com a perspectiva de Bandura, a auto-eficácia relaciona-se com domínios específicos do funcionamento humano (Hastings & Brown, 2002; Caprara et al., 2004). Enquanto representação derivada de uma avaliação de dada situação e do comportamento adequado correspondente a auto-eficácia é multifocal, sujeita a variação segundo áreas de actividade, tarefas, e características situacionais (Steffen et al., 2002). Dependerá de vários factores, entre os quais a natureza contextual do próprio comportamento. Face ao exposto, consideramos que a auto-eficácia deve ser compreendida na sua dupla vertente, não representando as duas formas de conceptualização domínios incompatíveis mas complementares, cuja interacção estará dependente da importância atribuída subjectivamente a cada domínio, assim como do nível de exigência pessoal e da capacidade de auto-avaliação (Brites & Nunes, 2010). Tratando-se a escala em estudo de um instrumento que se pretende abrangente, contempla essas duas medidas, uma generalizada e uma associada à função parental. A escala tem como objectivo, neste domínio, obter dados sobre a percepção do progenitor de que possui as capacidades para desempenhar as suas actividades parentais de forma a obter os resultados desejados.

METODOLOGIA

Versão Preliminar da Escala

Brites e Nunes (2010) descrevem os passos que estiveram na base da construção da versão inicial da escala, partindo de uma sistematização das funções que concretizam a noção de parentalidade. As autoras acrescentaram, para além das dimensões resultantes da síntese realizada, outras dimensões que consideraram integrantes da função parental, numa perspectiva humanista e centrada nas potencialidades do organismo humano.

O processo descrito resultou num conjunto de seis dimensões teóricas, nomeadamente: manutenção da saúde/ sobrevivência da criança; desenvolvimento da sociabilização e apropriação de valores; desenvolvimento emocional e afectivo; desenvolvimento da autonomia; autoridade; orientação para o futuro (projecto) (Brites

& Nunes, 2010). Trabalhos realizados a respeito da relação positivo-negativo, em outros instrumentos (Nunes et al., 2006) evidenciaram as diferenças entre o processo de resposta a questões com significado positivo e a questões com significado negativo, pelo que foram integrados ambos os tipos em cada dimensão, ainda que redigidos afirmativamente. A versão preliminar do instrumento é, assim, composta por 60 itens.

Aprofundamento dos Estudos sobre a Versão Preliminar

No âmbito do presente estudo realizámos duas entrevistas, a um pai e a uma mãe, para explorar as conceptualizações sobre eficácia parental. Da sua análise, constatámos que os pais reconhecem a eficácia como um processo aplicável nas várias áreas do funcionamento humano, considerando como características de um progenitor eficaz a capacidade de cuidar e gerir as necessidades básicas de cada criança, a transmissão de estabilidade, afecto, carinho, valores e bons hábitos, de dar uma boa-educação sem recorrer a métodos punitivos ou coercivos, a focalização no desenvolvimento global da criança, no desenvolvimento da sua autonomia e do seu auto-controlo, e ainda a responsabilidade de constituir um modelo. A versão resultante foi aplicada a uma amostra, de forma determinar as suas propriedades psicométricas.

Participantes

A escala foi aplicada a 312 mães e pais que compõem a amostra de validação da escala. Trata-se de uma amostra independente não probabilística e por conveniência.

Do total, 132 (42.3%) são do género feminino (mães) e 180 (57.7%) do género masculino (pais). Os participantes têm idades compreendidas entre os 22 e os 65 anos de idade ($M=37.1$; $DP=5.6$) e são, na sua maioria, casados (79.7%; $n=232$), seguindo-se os solteiros (12.4%). São em reduzido número os sujeitos que vivem em união de facto (3.1%) e os que são separados ou divorciados (4.8%). Dos que indicaram a zona de residência, 90.1% ($n=210$) residem em zonas urbanas. Quanto às habilitações académicas, predominam os indivíduos com estudos superiores (62.7%; $n=185$), com pouca representatividade dos participantes com o quarto e sexto ano (2%; $n=6$). No que respeita ao enquadramento familiar, as famílias têm entre 1 a 5 filhos ($M = 1.8$; $DP = 0.8$), com idades compreendidas entre os 3 e os 14 anos ($M = 6.4$; $DP = 2.2$) (tabela 1).

Tabela 1. Caracterização sócio-demográfica da amostra (N = 312)

Característica		n	%
Habilitações Académicas	4º ano	5	1.6
	6º ano	1	0.3
	9º ano	30	9.6
	12º ano	74	23.7
	Ensino superior	185	59.3
Tipo Família	Não responderam	17	5.4
	Família nuclear	206	66
	Família monoparental	17	5.4
	Família recomposta	8	2.6
	Família nuclear c/ avó(s)	5	2.1
	Família alargada	3	1.0
	Não responderam	72	23.1
Número Filhos	1 filho	125	40.1
	2 filhos	122	39.1
	3 filhos	36	11.5
	4 ou + filhos	10	3.2
	Não responderam	19	6.1
Idade do/a Filho/a	3-6 anos	167	53.5
	7-10 anos	109	34.9
	11-14 anos	15	4.8
	Não responderam	21	6.7

RESULTADOS

Resultados no Âmbito da Validade

Tendo sido a escala de Auto-Eficácia Parental desenvolvida a partir de uma revisão teórica que deu origem às dimensões iniciais, afigurou-se necessária a confirmação estatística do modelo proposto. Procedemos, então, a uma análise factorial, com o objectivo de realizar a validação do constructo em estudo e dos itens que o operacionalizam, dado que pressupõe uma análise das correlações inter-itens.

A presença dos critérios necessários para a aplicação desse método, nomeadamente a associação de 5 participantes a cada item, os resultados dos testes de adequação dos dados ao procedimento - *Kaiser Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy* ($KMO = .97$), e *Bartlett's Test of Sphericity* ($\chi^2 = 6974.8$ (406), $p < .001$), e a constatação da existência de valores de correlação inter-itens superiores a 0.3, comprovam a sua aplicabilidade. Os valores de sensibilidade dos itens, nomeadamente os valores absolutos de assimetria (Sk) e achatamento (Ku) estão de acordo com Kline (1998), sendo inferiores a 3 e a 7, respectivamente.

A análise factorial exploratória pelo método de componentes principais (ACP) determinou a extracção de dois factores que, no seu conjunto, explicam 44.36% da variância dos dados. Realizámos, posteriormente, uma ACP com solução forçada a dois factores e rotação *varimax*. Este método de rotação permite obter uma estrutura factorial em que para cada componente existem apenas alguns pesos significativos sendo todos os outros próximos de zero (Reis, 2001).

O primeiro factor explica 27.33% da variância e é composto por 29 itens, todos de significado negativo. O segundo factor, igualmente constituído por 29 itens, explica 17.03% da variância. A análise dos itens em cada factor revela uma diferenciação clara entre itens de significado negativo e positivo, confirmando o pressuposto teórico da sua necessária discriminação (Nunes et al, 2006) em vez da conversão dos *scores* negativos em *scores* positivos, como desenvolveremos adiante. Foram excluídos da análise dois itens, nomeadamente o 16 e o 51, pelo seu reduzido peso factorial (inferior a .30).

Devido ao elevado número de itens contidos em cada factor, realizámos uma ACP para cada um, separadamente. A ACP sobre o Factor 1 (itens de significado negativo) sugeriu a extracção de dois sub-factores, pelo que procedemos a uma análise com rotação *varimax* e normalização de Kaiser com solução forçada a dois factores que, em conjunto, explicam 58.2% da variância. O primeiro sub-factor (1.1), que agrupa 22 dos 29 itens, explica 42.8% da variância enquanto o segundo sub-factor (1.2), menos robusto, agrupa 7 itens e é responsável por 15.4% da variância dos dados (tabela 2).

Tabela 2. Pesos factoriais dos itens da escala no factor retido e respectiva comunalidade

Item	Peso factorial		h ²
	1.1	1.2	
59.O meu filho...	,882		,87
50.O meu filho...	,856		,804
60.É-me indiferente ...	,85		,82
36.Quero que o meu ...	,838		,789
37.O meu filho ...	,829		,797
43.O meu filho ...	,811		,755
47.O meu filho desconhece ...	,80	,376	,735
53.Deixo o meu filho quebrar ...	,794	,33	,74
39.Acho que o meu filho deve ...	,787		,703
40.Permito que o meu filho não ...	,786		,71
44.Os colegas e amigos do meu filho ...	,758	,354	,642
45.Desconheço quais os ...	,729	,315	,653
56.Descontrolo-me à frente ...	,711	,384	,673

52.Faço as tarefas e os deveres ...	,709	,365	,675
58.Evito que o meu filho ...	,692	,311	,588
35.O meu filho desconhece ...	,648	,383	,564
57.Raramente sinto necessidade ...	,643	,349	,571
34.O meu filho só brinca ...	,623	,353	,671
32.Se o meu filho bate nos outros ...	,599	,425	,546
33.Repreendo o meu filho quando ...	,563		,637
38.Converso pouco com o meu filho ...	,534	,36	,554
41.Nem sempre castigo ou ...	,412	,34	,36
55.O meu filho chega à ...		,738	,549
54.Desconheço qual a ...	,373	,57	,57
46.O meu filho só se veste ...		,553	,657
48.Desconheço os desejos ..	,507	,534	,701
42.Faço planos para ...	,37	,518	,55
49.O meu filho é ...		,507	,611
31.O meu filho come ...		,464	,569

Relativamente ao factor 2 (itens de significado positivo) a ACP sugeriu a extracção de dois factores; procedemos a uma análise com rotação *varimax* e normalização de Kaiser com solução forçada a dois factores que, em conjunto, explicam 39.71% da variância. O primeiro sub-factor (2.1) explica 23.48% da variância dos dados, integrando 20 dos 29 itens, enquanto o segundo sub-factor (2.2), menos robusto, explica 16.23% da variância e agrupa 9 itens (tabela 3).

Tabela 3. Pesos factoriais dos itens da escala no factor retido e respectiva comunalidade

Item	Peso factorial		h ²
	2.1	2.2	
14.Procuro ser ...	,793		,653
30.Preocupo-me que o ...	,667		,704
26.Tento ser justo ..	,663		,614
21.Estou atenta ao que ...	,645	,423	,600
3. Procuro dizer ao ...	,639		,593
8.Tento que o meu filho ...	,621		,666
18.Quero que o meu filho ...	,619		,621
24.O futuro do meu filho ...	,599		,565
6.Interesso-me por conhecer os interesses do meu filho	,577	,402	,607
11.Converso com o meu ...	,557	,421	,570
13.Verifico se o meu filho ...	,529	,394	,553
19.Escolho com o meu filho ...	,504		,454
2.Ensino e estou atento ...	,487	,388	,471
20.Procuro explicar ao meu ...	,464	,408	,542

25.O meu filho é seguido	,461		,563
17.O meu filho sabe quando ...	,433		,484
7.Preocupo-me que o ...	,417	,376	,658
15.Tento ter todos os ...	,409	,385	,603
29.Tento que os castigos ...	,397	,365	,633
1.O meu filho come a todas	,364		,574
22.Em casa cada um tem ...		,65	,545
9.Acompanho o ...	,314	,596	,497
12.Procuro ajudar o ...	,334	,585	,487
27.Vou buscar o meu filho à ...		,573	,552
10.Deixo o meu filho fazer ...		,57	,416
28.Incentivo o meu filho a ...	,381	,566	,483
23.Tento compreender o meu filho ...	,343	,52	,501
4.Dou ao meu filho responsabilidades ...	,409	,443	,453
5.O meu filho faz		,437	,479

Determinação dos Itens Constantes da Versão Final

Durante a aplicação do instrumento deparámo-nos com a dificuldade expressa pelos participantes de responder a uma escala grande e morosa. Tornou-se imperativo, assim, reduzir o número de itens, pelo que considerámos a forma mais adequada de o fazer, mantendo a proporcionalidade de itens entre os sub-factores de cada factor e sem comprometer os valores de consistência interna.

Procedemos à determinação para cada sub-factor, das correlações inter-item, tendo retirado os itens com menor correlação com os restantes. Os itens foram ordenados a partir de um processo de selecção aleatória, de forma a evitar a concentração de itens positivos e negativos, como acontecia inadvertidamente na versão inicial.

Esta versão é composta, assim, por 44 itens, 22 de significado positivo (dimensão Auto-Eficácia Positiva) e 22 de significado negativo (dimensão Auto-Eficácia Negativa). A dimensão Auto-Eficácia Positiva é composta por duas sub-escalas. A primeira, designada de “Atitudes e comportamentos parentais promotores de desenvolvimento”, é composta por 15 itens e inclui aqueles que dizem respeito à responsabilidade de ser um modelo ou exemplo a seguir pela criança, à transmissão de afectos e valores e à manutenção do estado de saúde (Ex.: “*Procuro ser para o meu filho o melhor que sei e posso*”). A segunda dimensão, “Equilíbrio independência-segurança”, é composta por 7 itens e concerne a consciência parental da importância da promoção da independência e da responsabilidade na criança, sem no entanto negligenciar aspectos básicos da sua segurança afectiva (Ex.: “*Em casa cada um tem tarefas próprias, incluindo o meu filho*”).

A dimensão Auto-Eficácia Negativa contém duas sub-escalas, designadas respectivamente por “Permissividade, negligência e desinteresse” e “Controlo negativo”. A primeira contém 17 itens e respeita os comportamentos e atitudes reveladores dum certo desinvestimento face à criança, à sua saúde, às regras familiares e ao seu desenvolvimento afectivo (Ex.: “*O meu filho vai para a cama e levanta-se à hora que quer*”). A segunda sub-escala diz respeito a uma atitude de controlo absoluto sobre a criança, quer no presente, quer relativamente ao seu futuro, sendo composta por 5 itens (Ex.: “*Desconheço os desejos do meu filho para o seu futuro*”).

Resultados no Âmbito da Fidelidade

O *alpha de Cronbach* é uma das formas mais utilizadas de determinação da fidelidade, que proporciona uma medida de consistência interna. A tabela 4 apresenta os valores obtidos para a escala total, dimensões e sub-escalas que as compõem.

Tabela 4. α Cronbach por dimensão e sub-escala, com respectivo número de itens

	α Cronbach	N.º itens
Dimensão Negativa	.97	22
Permissividade, negligência e desinteresse	.97	17
Controlo negativo	.74	5
Dimensão Positiva	.91	22
Atitudes e comportamentos parentais promotores de desenvolvimento	.90	15
Equilíbrio independência-segurança	.77	7
Escala total	.93	44

Os valores obtidos constituem indicadores de uma boa consistência interna, na generalidade elevados. Apenas as sub-escalas “Controlo negativo” e “Equilíbrio independência-segurança” apresentam valores menos elevados, embora satisfatórios, o que poderá dever-se ao seu reduzido número de itens (Field, 2005).

Estudos sobre a Determinação do Score de Auto-eficácia Parental

Após a determinação dos itens que compõem as dimensões da escala foi necessário seleccionar a forma adequada de obter o *score* de auto-eficácia parental. Habitualmente, existindo itens de significado negativo, estes são convertidos no seu contrário. Em alternativa, alguns autores (Nunes et al., 2006) consideram mais adequado analisar separadamente itens positivos e negativos, decorrendo o resultado da sua diferença. A explicação metodológica para esta forma de cotação prende-se com a verificação de que os processos internos subjacentes às respostas positivas e negativas

são distintos, pelo que decidimos verificar se o pressuposto se aplica ao presente instrumento.

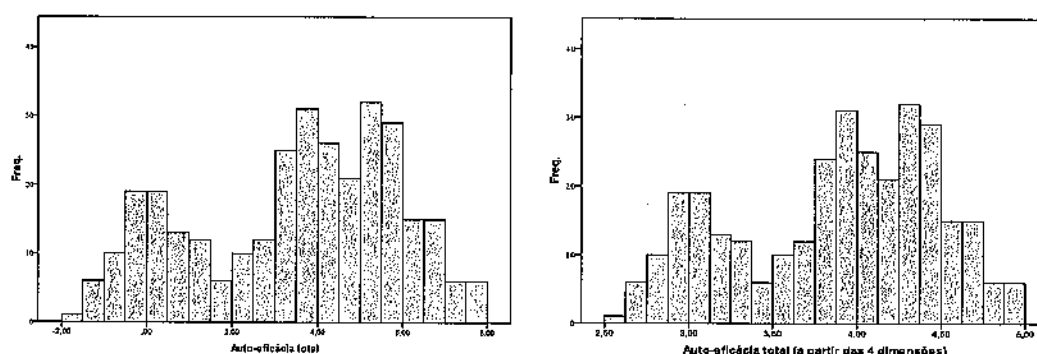
Cotação pela diferença entre a dimensão positiva e a dimensão negativa da auto-eficácia parental

Neste processo, considerámos os valores obtidos em cada uma das duas dimensões da escala – auto-eficácia positiva e auto-eficácia negativa – resultando o *score* de auto-eficácia parental da diferença entre si. Para atingir este resultado calculámos o valor médio da cada sub-escala, resultando o valor de cada dimensão do somatório das médias das sub-escalas que a compõem. Os valores obtidos pela aplicação deste procedimento na presente amostra, podem ser observados no primeiro gráfico da figura 1, sendo possível constatar a existência de sujeitos com uma auto-eficácia negativa, embora a maioria se situe na zona positiva da auto-eficácia parental, ou seja, os valores obtidos nas dimensões positivas são superiores aos obtidos nas dimensões negativas.

Cotação pela conversão do significado dos itens negativos

Para esta forma de cotação, foi necessário transformar os itens de significado negativo em itens de significado positivo, alterando-se o seu valor na escala de Likert. De seguida, calculámos a média para cada uma das quatro sub-escalas. Segundo este procedimento, as sub-escalas até agora designadas por “negativas” terão de ser redenominadas na medida em que, pela transformação, passaram a ter um significado positivo. A partir dos valores obtidos foram calculadas as médias totais (segundo gráfico da figura 1).

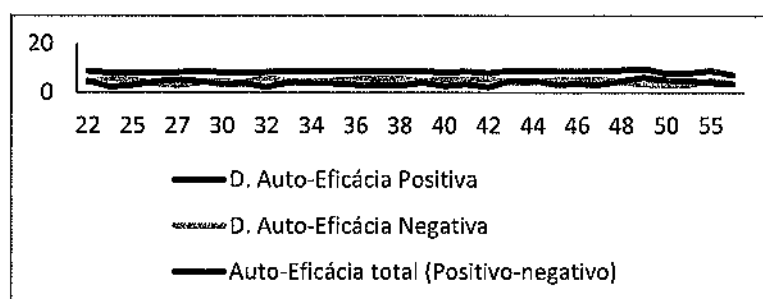
Figura 4. Histograma da distribuição dos valores de auto-eficácia, segundo os dois métodos de cotação



A comparação entre os gráficos anteriores permite concluir que as diferenças são pouco salientes, residindo a principal discrepância nos valores obtidos. Enquanto a primeira forma de cotação torna mais directa a observação dos sujeitos com factores negativos elevados, na segunda forma todos os valores são positivos, dificultando a percepção da relação entre positivo e negativo. Parece-nos, assim, mais adequada a forma de cotação pela separação entre itens positivos e negativos, sem inversão destes.

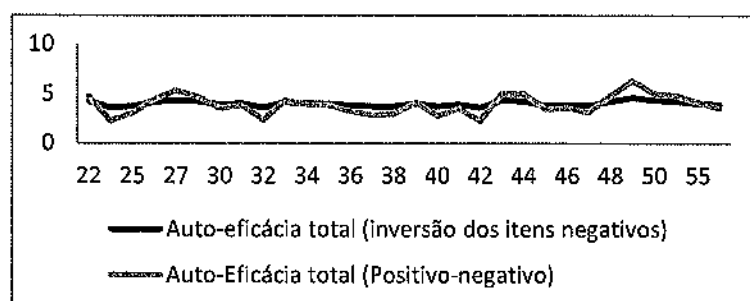
Analisámos ainda a auto-eficácia parental na relação com outra variável, com o objectivo de evidenciar as diferenças entre os dois tipos de cotação. Escolhemos a idade por ser uma variável contínua e por, teoricamente, a auto-eficácia parental ser um factor que pode estar associado a alterações ao longo do ciclo de vida (figura 2).

Figura 2. *Scores* médios de auto-eficácia parental e respectivas dimensões, por idade



A análise permite observar que, à medida que os valores da dimensão negativa aumentam os *scores* totais diminuem. Por outro lado, se compararmos as duas formas de obter os *scores* totais, observamos a discrepância de valores, em alguns casos de dimensão considerável (figura 3).

Figura 3. Valores médios de auto-eficácia parental, por idade, segundo as duas formas de cotação



Consideramos assim, mais adequada a primeira forma de cotação, porque permite observar directamente os sujeitos com uma auto-eficácia negativa e permite manter a lógica positivo-negativo que se procurou desenvolver durante a construção da escala. A sua mais-valia estará sobretudo na sua perspectiva qualitativa, pois possibilita aceder a diferentes dimensões da parentalidade, expressas nas quatro sub-escalas. A cotação da escala é feita pela determinação dos valores médios em cada uma das quatro sub-escalas, seguidamente pelo cálculo das dimensões positiva e negativa da auto-eficácia parental e, finalmente, pela diferença entre estas, que nos permite aceder ao *score* total.

Valores de Referência da Amostra

Determinada a forma de cotação, foram calculados os principais valores de tendência central, dispersão e percentis da amostra, para cada uma das sub-escalas, dimensões e escala total. Dada a natureza e os objectivos da escala considerámos ainda pertinente discriminar os valores da amostra de validação por género (mães e pais) (tabela 5).

Tabela 5. Médias, desvios-padrão e percentis das sub-escalas, dimensões e *score* total, divididos por género (mães – n= 132; pais – n= 180)

	Atits.e comports. promotores de desenv.		Equilíbrio independência -segurança		Auto-eficácia positiva		Permissividade e, negligência e desinteresse		Controlo negativo		Auto-eficácia negativa		Escala total	
	Mães	Pais	Mães	Pais	Mães	Pais	Mães	Pais	Mães	Pais	Mães	Pais	Mães	Pais
<i>M</i>	4.46	4.50	4.15	4.00	8.71	8.50	2.43	2.26	2.83	2.69	5.26	4.95	3.45	3.56
<i>DP</i>	.43	.46	.51	.59	.86	.97	1.35	1.16	1.01	.88	2.21	1.87	2.39	2.38
<i>Pc</i>														
10	4.02	3.87	3.43	3.14	7.63	7.06	1.14	1.19	1.43	1.60	2.86	2.98	-.02	-.09
20	4.31	4.13	3.71	3.43	8.02	7.70	1.29	1.35	1.92	1.80	3.38	3.31	.81	.71
30	4.47	4.33	3.99	3.71	8.40	8.04	1.47	1.47	2.20	2.20	3.76	3.76	1.86	2.54
40	4.60	4.47	4.00	3.86	8.68	8.41	1.65	1.65	2.40	2.40	4.14	4.09	3.38	3.45
50	4.67	4.60	4.14	4.00	8.80	8.63	1.76	1.76	2.78	2.60	4.54	4.41	3.67	3.94
60	4.73	4.73	4.29	4.14	9.03	8.85	2.05	2.00	3.16	3.00	5.16	4.82	4.29	4.50
70	4.86	4.84	4.43	4.43	9.22	9.15	2.95	2.40	3.40	3.20	6.26	5.57	5.03	5.29
80	4.93	4.87	4.57	4.57	9.43	9.42	4.19	3.58	3.80	3.40	7.83	6.83	5.55	5.68
90	5	5	4.85	4.71	9.72	9.67	4.65	4.35	4.20	4.00	8.60	8.09	6.44	6.36
99	5	5	5	5	10	10	5.00	4.89	5.00	4.80	10.00	9.59	7.84	7.74

É possível observar uma certa homogeneidade nos valores; as mães apresentam valores médios superiores em todas as sub-escalas e em ambas as dimensões da auto-eficácia parental. Os pais obtêm valores médios ligeiramente superiores no *score* total.

Comparação com a Medida de Auto-Eficácia Geral

No processo de construção da Escala foi introduzido um item com o objectivo de permitir uma avaliação subjectiva de auto-eficácia geral (escala de 0 a 20). Apesar de apenas pouco mais de um quarto dos participantes ter respondido, realizámos uma análise com as dimensões de auto-eficácia parental extraídas da ACP (tabela 6).

Tabela 6. Correlações de *Pearson* entre a medida de auto-eficácia geral e as sub-escalas e dimensões de auto-eficácia parental

	AEFI C G.	AEFIC P.	ACPPD	EIS	PND	CN	DP	DN
Auto-eficácia geral (AEFIC G.)	1	.35**	.39**	.33**	-.17	-.20	.39**	-.22
Auto-eficácia parental (AEFIC P.)	-	1	.72**	.75**	-.73**	-.73**	.78**	-.86**
Atitudes e comportamentos parentais (ACPPD)	-	-	1	.77**	-.43**	-.16*	.93**	-.31**
Equilíbrio independência-segurança (EIS)	-	-	-	1	-.40**	-.22**	.95**	-.34**
Permissividade, negligência e desinteresse (PND)	-	-	-	-	1	.52**	-.44**	.82**
Controlo negativo (CN)	-	-	-	-	-	1	-.20**	-.92**
Dimensão positiva (DP)	-	-	-	-	-	-	1	-.34**
Dimensão negativa (DN)	-	-	-	-	-	-	-	1

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$

Estes valores indiciam que, apesar da associação encontrada, as medidas não são equivalentes; verifica-se que a auto-eficácia geral se correlaciona de forma moderada com todas as sub-escalas e dimensões positivas da auto-eficácia parental, mas não com as negativas. Existirão, assim, áreas específicas da parentalidade que contribuirão para uma percepção de eficácia geral, apesar de as áreas de maior “fragilidade” (porque remetem para indicadores de ineficácia) parecerem não contribuir para essa percepção.

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos atestam as qualidades psicométricas da escala de auto-eficácia parental. Em termos de validade, os contributos ao nível da literatura e da investigação confirmam a validade de constructo. Esta é também atestada pela validade factorial, que permitiu a extracção, por processos sucessivos, das quatro sub-escalas que compõem o instrumento. Relativamente à fidelidade, os índices de consistência interna são, no geral, elevados ou, no mínimo, satisfatórios, confirmando a robustez e a estabilidade da escala. As normas percentílicas, obtidas a partir da amostra de validação, demonstram a predominância de valores médios superiores nas mães, embora os pais apresentem valores mais elevados de auto-eficácia parental.

Dada a natureza dos itens e a influência dos fenómenos sociais e culturais sobre a parentalidade, sugere-se o prosseguimento dos estudos relativamente aos potenciais efeitos da desejabilidade social da Escala. Por outro lado, não tendo sido possível obter dados relativos à sua validade externa, esta revela-se uma limitação do presente estudo.

Consideramos, assim, estarem reunidas as condições psicométricas para aplicação do instrumento. Relativamente à relação com a eficácia geral, os resultados sugerem que a parentalidade representará, sim, um factor importante para o seu desenvolvimento (já que ao aumento de uma se associa o aumento de outra), embora pareçam haver muitos factores que intervêm em ambas as medidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ardelt, M. & Eccles, J. (2001). Effects of mothers' parental efficacy beliefs and promotive parenting strategies on inner-city youth. *Journal of Family Issues*, 22 (8), 944-972. DOI: 10.1177/019251301022008001
- Bandura, A. (1977). Self-Efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84 (2), 191-215. Retrieved from ebsco.host.com.
- Bandura, A. (1982). The Assessment and Predictive Generality of Self-Percepts of efficacy. *Journal of Behaviour Therapy & Experimental Psychiatry*, 13 (3) 195-199. DOI: 10.1016/0005-7916(82)90004-0.
- Bandura, A. (1994). Self-Efficacy. In V.S. Ramachaudran (Ed). *Encyclopedia of Human Behavior*, 4, pp. 71-81. New York: Academic Press.
- Bandura, A., Pastorelli, C., Barbaranelli, C. & Caprara, G. (1999). Self-efficacy pathways to childhood depression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76 (2), 258-269. Retrieved from ebsco.host.com.
- Bennett, P. (2002). *Introdução clínica à psicologia da saúde*. (Cacilda Nordeste, Trans). Lisboa: Climepsi Editores. (obra original publicada em 2000).
- Brites, R. & Nunes, O. (2010). Uma nova escala de auto-eficácia parental: estudos sobre validação. In C. Nogueira, I. Silva, L. Lima, A. T. Almeida, R. Cabecinhas, R. Gomes, C. Machado, A. Maia, A. Sampaio & M. C. Taveira (Eds.). *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 553-567). Retrieved from <http://www.actassnip2010.com>
- Caprara, G., Regalia, C., Scabibi, E., Barbaranelli, C. & Bandura, A. (2004). Assessment of Filial, Parental, Marital, and Collective Family Efficacy Beliefs. *European Journal of Psychological Assessment*, 20(4), 247-261. DOI: 10.1027/1015-5759.20.4.247.
- Cloutier, R. (2005). La famille, la garderie et l'école. In R. Cloutier, P. Gosselin & P. Tap (Coords.). *Psychologie de l'Enfant* (2^a Ed). Montréal: gaëtan morin éditeur.
- Contrada, R. & Goyal, T. (2004). Individual differences, health and illness: the role of emotional traits and generalized expectancies. In S. Sutton, A. Baum & M. Johnston (Eds). *The SAGE Handbook of Health Psychology*. London: SAGE.

- Cruz, O. (2005). *Parentalidades*. Coimbra: Quarteto.
- Field, A. (2005). *Discovering statistics using SPSS*. London: Sage. (2ª edição).
- Harwood, K., McLean, N. & Durkin, K. (2007). First-time mothers' expectations of parenthood: what happens when optimistic expectations are not matched by later experiences? *Developmental Psychology*, 43 (1), 1-12. DOI: 10.1037/0012-1649.43.1.1.
- Hastings, R. & Brown, T. (2002). Behavior Problems of Children with Autism, Parental Self-Efficacy, and Mental Health. *American Journal of Mental Retardation*, 107 (3), 222-232. Retrieved from <http://www.aspires-relationships.com/hastings6.pdf>.
- Judge, T., Erez, A., Bono, J. & Thoresen, C. (2002). Are measures of self-esteem, neuroticism, locus of control, and generalized self-efficacy indicators of a common core construct? *Journal of Personality and Social Psychology*, 83 (3), 693-710. DOI: 10.1037//0022-3514.83.3.693.
- Kline, P. (1998). *The new Psychometrics. Science, psychology and measurement* (pp. 51-69). Retrieved from <http://www.google.com/books>
- Kuhn, J. & Carter, A. (2006). Maternal Self-Efficacy and Associated Parenting Cognitions among Mothers of Children with Autism. *American Journal of Orthopsychiatry*, 74 (4), 564-575. DOI: 10.1037/0002-9432.76.4.564
- Lightsey, O., Burke, M., Ervin, A., Henderson, D. & Yee, C. (2006). Generalized Self-Efficacy, Self-Esteem, and negative affect. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 38 (1), 72-80.
- Maurer, T. & Pierce, H. (1998). A comparison of likert scale and traditional measures of self-efficacy. *Journal of Applied Psychology*, 83 (2), 324-329. Retrieved from <http://www.sciencedirect.com/science>
- Nunes, O., Tap, P., Pires, M., Brites, R., Pires, P. & Laneiro, T. (2006). *Manual da Escala da Estima de Si – S.E.R.T.H.U.A.L.* (manuscrito não publicado)
- Ozer, A.M. (1995). The impact of childcare responsibility and self-efficacy on the psychological health of professional working mothers. *Psychology of Women Quarterly*, 19(3), 315-335. DOI: 10.1111/j.1471-6402.195.tb00078.x
- Pelchat, D., Bisson, J., Bois, C. & Saucier, J.F. (2003). The effects of early relational antecedents and other factors on the parental sensitivity of mothers and fathers. *Infant and Child Development*, 12, 27-51. DOI: 10.1002/icd.335.
- Reis, E. (2001). *Estatística multivariada aplicada* (2ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Scheel, M. & Rieckmann, T. (1998). An empirically derived description of self-efficacy and empowerment for parents of children identified as psychologically disordered. *The American Journal of Family Therapy*, 26, 15-27. DOI: 10.1080/01926189808251083
- Smith, R. (1989). Effects of coping skills training on generalized self-efficacy and Locus of Control. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56 (2), 228-233. Retrieved from <http://www.sciencedirect.com/science>
- Steffen, A., McKibbin, C., Zeiss, A., Gallagher-Thompson, D. & Bandura, A. (2002). The revised scale for caregiving self-efficacy: reliability and validity studies. *Journal of Gerontology*, 57B (1), 74-86. DOI: 10.1093/geronb/57.1.P74

- Surkan, P., Kawachi, I., Ryan, L., Berkman, L., Vieira, L. & Peterson, K. (2008). Maternal depressive symptoms, parenting self-efficacy, and child growth. *American Journal of Public Health*, 98 (1), 125-132. Retrieved from <http://proquest.umi.com>.
- Teti, D.M., O'Connell, M.A., & Reiner, C.D. (1996). Parenting sensitivity, parental depression and child health: the meditational role of parental self-efficacy. *Early Development and Parenting*, 5(4), 237-250. DOI: 10.1002/1099-091719961254237136.